

Dívida em "regime de caixa"

por Paulo Sotero
de Washington

Dois bancos canadenses, o Bank of Montreal e o Bank of Nova Scotia, anunciaram ontem a colocação de seus empréstimos de médio e longo prazo para o Brasil em regime de caixa.

Para o Bank of Montreal, a decisão atinge um pouco mais de US\$ 1 bilhão e representará uma perda líquida de receita de US\$ 17,5 milhões no segundo trimestre do ano fiscal canadense, que se encerrou no dia 30 de abril passado. O ano fiscal do Canadá vai de 1º de novembro a 31 de outubro. A perda bruta foi US\$ 28 milhões. O Bank of Montreal representa os bancos canadenses no comitê de bancos credores. Seu economista-chefe, Douglas Smea, preside a subcomissão da comissão de economia do comitê.

O Bank of Nova Scotia colocou US\$ 936 milhões em "non-accrual" e registrou uma redução líquida de receita de US\$ 10,5 milhões, ou US\$ 21 milhões brutos, no mesmo período.

As normas de contabilização de juros no Canadá são semelhantes às dos Estados Unidos. Mas, ao contrário do que fizeram os bancos americanos quando tomaram medida semelhante, há dois meses, os dois bancos canadenses não fizeram projeções sobre quanto perderão no ano fiscal, caso a suspensão de

pagamentos seja mantida. "A negociação é do interesse tanto do Brasil quanto dos bancos. Nós acreditamos, por isso, que até o fim do ano a situação desses empréstimos poderá estar normalizada", disse a este jornal Robert Chisholm, vice-presidente do Bank of Nova Scotia para finanças e administração.

As decisões do Bank of Montreal e do Bank of Nova Scotia datam, na realidade, de 30 de abril passado. Mas só foram tornadas oficiais depois de terem sido formalmente aprovadas pelos respectivos conselhos de administração das duas instituições, que se reuniram ontem.

Com toda a probabilidade, os três outros grandes bancos canadenses, o Royal Bank of Canada, o Canadian Imperial Bank of Commerce e o Toronto Dominion Bank, que têm, somados, cerca de US\$ 2 bilhões de empréstimos ao Brasil, já colocaram esses ativos em regime de caixa, no final de abril, e oficializarão a decisão nos próximos dias.

De acordo com Brian Smith, porta-voz do Bank of Montreal, a recente decisão do Citicorp de aumentar suas reservas não coloca pressão significativa sobre os bancos canadenses "porque nós já operamos com reservas mais altas. Nossas reservas representam hoje 15% do risco soberano e caminham para 20%".

Com o aumento anunciado

na semana passada, as reservas do Citicorp passaram a cobrir 25% de seus empréstimos ao Terceiro Mundo. "As reservas dos bancos americanos contra risco soberano são praticamente inexistentes quando comparadas às dos bancos canadenses e dos bancos europeus. Na Europa, alguns bancos têm reservas de 40% de seus empréstimos internacionais", afirmou Chisholm, indicando que o Citicorp, em lugar de apontar o caminho a seguir, está, na realidade, seguindo o exemplo dos europeus e canadenses.

De fato, os bancos canadenses e, entre eles, especialmente o Bank of Montreal, estão à frente de seus similares americanos na busca de soluções alternativas. No início de abril, por exemplo, o presidente do conselho de administração do Bank of Montreal, William Mulholland, anunciou uma proposta de conversão, ao par, de US\$ 100 milhões de empréstimos ao Brasil em investimentos.

Na semana passada, num discurso que fez na FIESP, em São Paulo, Mulholland defendeu a adoção de fórmulas que tenham o efeito final de separar a dívida velha do levantamento de novos recursos que serão necessários para financiar o crescimento dos países devedores — um caminho que ficou mais fácil de ser trilhado pelos bancos americanos depois do aumento das reservas do Citicorp.